

VESTÍGIOS DA HISTÓRIA DO BRASIL NA FLORA BRASILEIRA: AS ESPÉCIES ALÓCTONES

Walisson Santos Oliveira ¹
Breno Rodrigues de Carvalho ²
Núbia Costa Nascimento ³

INTRODUÇÃO

Durante o século XV, as principais rotas comerciais marítimas entre a Europa e Ásia (China, Pérsia, Japão e Índia) eram dominadas pelos muçulmanos, via Mar Mediterrâneo, e terrestre pelos italianos.

Buscando se livrar dos altos preços cobrados por esses intermediários e aspirando maiores lucros, a burguesia portuguesa com o apoio da monarquia patrocinaram a reunião de navegadores, cartógrafos, cosmógrafos e marinheiros na região de Sagres, que se tornou um grande centro da tecnologia marítima da época. O objetivo era o intercâmbio de informações e desenvolvimento de conhecimentos para consolidar novas rotas marítimas que fizessem o contato direto com os comerciantes orientais de especiarias e de outros artigos (RAMOS, 2008).

Traçando uma rota que contornava o continente Africano, Portugal, além de começar sua busca pelos produtos Asiáticos também iniciou um processo de instauração de colônias portuguesas na costa africana e em algumas ilhas do Oceano Atlântico. O ápice dessa primeira etapa da expansão marítima ocorreu quando os navios portugueses ultrapassaram o Cabo das Tormentas, atual Cabo da Boa Esperança (FAUSTO, 2006).

Em 1497, Portugal concluiu seus planos quando o navegador Vasco da Gama realizou as últimas explorações que concretizaram a rota às Índias via circunda navegação do continente africano. Essa expansão marítima possibilitou a Portugal conhecer outros povos, principalmente sua cultura quanto aos hábitos alimentares e práticas medicinais. No entanto, o início das explorações marítimas espanholas estimulou a coroa Portuguesa a se aventurar pelos mares do oeste Atlântico. Um conjunto de acordos diplomáticos entre Portugal e Espanha, como por exemplo o Tratado de Tordesilhas, preestabeleceram os territórios que seriam explorados por cada uma (ABREU, 2009).

O auge da segunda etapa da expansão marítima portuguesa ocorreu quando, em 1500, quando o navegador Pedro Álvares Cabral oficializou a descoberta das terras brasileiras. Anos mais tarde, com a ascensão da expansão marítima de outras nações europeias e a decadência dos empreendimentos comerciais portugueses no Oriente, as terras do Brasil tornaram-se o principal foco do mercantilismo português (FAUSTO, 2006).

A colonização do Brasil se tornou efetiva a partir de 1532 devido às ameaças de invasões europeias. Até então Portugal limitava-se a expedições rápidas para coleta e transporte de pau-brasil. Com o objetivo de proteger as terras e iniciar uma produção comercial agrícola, D. João

¹ Este projeto foi financiado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, submetido e aprovado na seleção dos Programas Universais e Complementares da Política de Assistência Estudantil/2018, IFBA – SF.

¹ Estudante do Curso de Mecânica do Instituto Federal da Bahia- IFBA, walissonsantos.oliveira@gmail.com;

² Estudante do Curso de Mecânica do Instituto Federal da Bahia- IFBA, carvalhobrenorodrigues@gmail.com;

³ Professora IFBA: Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências, UFBA/UESF, nbacosta@ifba.edu.br.

III dividiu o território em quatorze capitanias hereditárias, doadas a doze donatários, que podiam explorar os recursos da terra, mas ficavam encarregados de povoar, proteger e estabelecer o cultivo da cana-de-açúcar (ABREU, 2009). Além disso, é importante salientar que era também objetivo desse período conhecer a natureza do Brasil, como também potencializar a exploração de seus recursos vegetais, aumentando demasiadamente o poder da Coroa. Segundo Pereira (2013), a botânica teve uma forte influência nas relações entre o poder político, o conhecimento sobre o meio natural e as aplicações técnicas que poderiam potencializar essa exploração, atuando como instrumento de dominação das vastas regiões coloniais a partir do inventário de suas potencialidades naturais.

Com o intuito de tornar o Brasil “habitável”, inúmeras espécies exóticas de animais e plantas foram introduzidas nos biomas brasileiros durante o processo de colonização com a finalidade de subsistência ou por interesse comercial. De acordo com Dean (1989), as primeiras tentativas de colonização portuguesa ao longo da costa do Brasil foram marcadas pela introdução de um certo número de espécies de plantas e animais domesticados que se encontravam já aclimatados em Portugal ou nas suas ilhas atlânticas. “Essas transferências foram determinadas num primeiro momento pelos preconceitos dos invasores, eles simplesmente não gostavam da comida dos tupis.” (DEAN, 1991, p.216)

Em segundo momento, vale enfatizar que a introdução de espécies exóticas na flora brasileira, para além de trazer drásticos impactos ambientais que atuaram diretamente sobre os ecossistemas, criaram também uma nova linha de significação e simbologia dos alimentos e espécies que aqui existiam/existem: uma nova de enxergar a natureza e as relações sociais que até então não existiam. Segundo Dean (1999, p.29):

“Os povos nativos do Brasil acreditavam que suas plantas domesticadas tornaram-se cativas à custa de martírio. Assim, o milho teria brotado do corpo de Abati, um guerreiro que se deixara vencer no combate por ordem de Nhandeiará, o grande espírito; e a mandioca crescera do corpo de uma criança nascida de uma princesa virgem. Mitos como esses são universais – a agricultura era um benefício tão grande que, no início, teve de ser arrancada dos deuses por um benfeitor heroico ou sobrenatural. Um preço tão mágico tinha de ser pago com sangue.” (DEAN, 1999, p.29).

O grande reino neotropical da natureza foi transformado para sempre. Entre as espécies frutíferas que mais se adaptaram ao clima brasileiro estão as de origem Asiática e Africana. Neste período, os tratamentos médicos também utilizavam plantas medicinais que também foram trazidas e cultivadas. A colonização da América e a curiosidade dos europeus pelos exemplares da fauna e da flora do novo mundo desencadeou o período da história do planeta em que houve o maior fluxo de espécies entre os continentes. No entanto, devido às características tropicais e o desconhecimento da história do período colonial e imperial do Brasil, muitas pessoas acreditam que muitas espécies alóctones são pertencentes à América do Sul.

OBJETO DE ESTUDO

O Instituto Federal de Educação, Tecnologia e Ciência da Bahia, campus Simões Filho, está localizado dentro de uma área de proteção ambiental, a APA Joanes-Ipitanga, que comporta a nascente do Rio Ipitanga, e apresenta uma área dotada de uma mata de sucessão secundária, fazendo parte de sua flora espécies exóticas e nativas. O principal objetivo deste trabalho consistiu em realizar um estudo de identificação das espécies frutíferas e medicinais, autóctones e alóctones, encontradas no entorno das instalações do IFBA-SF.

Como objetivos específicos: foram identificadas as espécies de plantas frutíferas e realizada uma pesquisa sobre sua origem e relação histórica com o período do Brasil colonial e Imperial. Numa segunda etapa da pesquisa essas plantas serão identificadas com placas indicando nome popular, científico e uma marca de QR-Code associada às informações geográficas, históricas e biológicas; foram identificadas também as espécies de plantas medicinais e pesquisas sobre sua origem, relação histórica e uso medicinal, recolhemos amostras que foram preservadas em estufas, numa segunda etapa do trabalho serão preparadas as exsicatas e futuramente expostas com uma ficha de identificação apresentando também as informações geográficas, históricas e biomedicinas.

O espaço próximo ao IFBA, comuns ao cotidiano do instituto, mas ocultos em sua riqueza de informações, poderá ser utilizado para ilustrar aulas de história, biologia e geografia para estudantes do próprio campus e convidados de outras instituições de ensino, tornando este ambiente uma sala de aula à céu aberto. Além desta possibilidade, o material coletado e preservado como folhas, flores e sementes, podem ser utilizados em uma exposição itinerante sobre a história da influência humana na composição da flora brasileira.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Esta pesquisa se refere a primeira etapa de um trabalho que está sendo desenvolvido no IFBA, campus Simões Filho. A metodologia desta primeira parte do trabalho dividiu-se nas seguintes etapas: 1 – na primeira pesquisa de campo foi realizado o reconhecimento da área e identificação das espécies frutíferas e medicinais; 2 – na segunda e terceira pesquisa de campo as espécies foram fotografadas e recolhida amostras; 3 – as amostras recolhidas foram preservadas em uma estufa; 4 – foi realizado pesquisas bibliográficas com o objetivo de fazer a identificação científica das espécies, bem como também o levantamento das informações biológicas, geográficas e históricas e 5 - elaboração de fichas técnicas. Numa segunda etapa da pesquisa serão preparadas placas de identificação que serão acompanhadas com o seu respectivo código QR dando acesso às informações pesquisadas sobre as plantas frutíferas e serão preparadas exsicatas com as fichas técnicas para as plantas medicinais, também com as informações sobre sua origem, relação com a história do Brasil e utilização medicinal.

DESENVOLVIMENTO

Foram realizadas três pesquisas de campo para identificação das espécies, em cada saída fomos acompanhados por um guia que tinha um profundo conhecimento tradicional, sendo que um deles era descendente de índios. Foram identificadas as espécies frutíferas e medicinais, a localização foi registrada, a planta foi fotografada e recolhida amostras, principalmente das plantas medicinais.

Das plantas medicinais foram recolhidas amostras de folhas e flores. Essas foram prensadas e secas numa estufa (herborizada).

Através de pesquisas bibliográficas e sites, as plantas foram catalogadas. Os sites utilizados na pesquisa foram de universidades ou do governo como: da Embrapa, Ministério da Saúde, USP, UFBA, entre outros. Posteriormente as espécies foram avaliadas por um biólogo para a validação das identificações. Também foi realizado o estudo histórico geográfico de todas as espécies.

Este projeto foi executado com a participação de quatro bolsistas, um orientador e quatro colaboradores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas três pesquisas de campo foram identificadas 17 espécies de plantas medicinais e 11 ainda estão em processo de identificação. Foram identificadas também 21 espécies frutíferas.

Entre as espécies medicinais que foram encontradas nas proximidades do IFBA, campus Simões Filho estão:

Seis espécies originárias da Ásia: *Cymbopogon citratus* (capim cidreira, capim limão ou capim santo), *Melissa Officinalis* (erva cidreira), *Alpinia zerumbet* (gengibre concha, colônia), *Mentha spicata* (hortelã, hortelã miúdo), *Cymbopogon winterianus* (capim eucalipto, capim citronela, citronela), *Cinnamomum verum* (canela).

Uma espécie proveniente da Ásia Ocidental e Europa: *Achillea millefolium* (mil folhas, novalgina, atroveran, erva-de-carpinteiro).

Uma espécie oriunda da Europa e Norte da África: *Sambucus nigra* (sabugueiro).

Duas espécies originárias da África: *Plectranthus barbatus* (tapete de oxalá, alumã, falso boldo, boldo brasileiro), *Plectranthus amboinicus* (Hortelã grosso, hortelã grande, malva de cheiro, malva do reino).

Sete espécies nativas da América do Sul: *Vernonia polysphaera* (assa peixe), *Schinus terebinthifolius* (aroeira), *Miconia Albicans* (canela de velho), *Maytenus ilicifolia* (espinho cheiroso), *Stryphnodendron barbatiman* (barbatimão verdadeiro, barba-de-timan, barba-de-timão, casca-da-mocidade, casca-da-virgindade, iba-timão, ibatimô, paricarana, uabatimô, ubatima, ubatimó, chorãozinho roxo, paricana), *Alternanthera brasiliana* (terramicina, doril, benzetacil, perpétua-do-brasil, periquito, penicilina), *Solanum paniculatum* (jurubeba, jubeba, juribebe, juribeba, jupeba, jurubeba-verdadeira, jurupeba-altera, jurubebinha, juripeba).

Com relação as plantas frutíferas, foram encontradas 21 espécies no entorno do IFBA, campus Simões Filho.

Nove espécies originadas na Ásia: *Prunus amygdalus* (amendoeira), *Musa paradisiaca* (bananeira, variedades banana d'água e banana da prata), *Cocos nucifera* (coqueiro), *Artocarpus heterophyllus* (jaqueira), *Mangifera indica* (mangueira, variedades pingo de ouro, espada e manga rosa), *Syzygium Cumini* (jamelão), *Citrus limon* (limoeiro), *Syzygium malaccense* (jambeiro), *Saccharum officinarum* (cana de açúcar).

Três espécies provenientes da América Central: *Annona muricata* (pinha, graviola, jaca de pobre), *Malpighia emarginata* (acerola), *Carica papaya* (papaia, mamão).

Uma espécie oriunda da América Central e América do Sul: *Theobroma cacao* (cacau).

Oito espécies nativas da América do Sul: *Psidium cattleianum* (araçá), *Persea americana* (abacateiro), *Anacardium occidentale* (cajueiro), *Psidium guajava* (goiabeira), *Eugenia uniflora* (Pitanga), *Morus celtidifolia* (amora brasileira), *Hancornia speciosa* (mangabeira), *Genipa americana* (jenipapo).

A pesquisa de campo e identificação das espécies continua, pois ainda existe a possibilidade de outras plantas serem encontradas, especialmente as medicinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área em que se localiza o IFBA de Simões Filho se mostrou abundante em espécies nativas e exóticas, tanto de plantas medicinais, quanto de plantas frutíferas que foram coadjuvantes de um momento histórico da humanidade como as grandes navegações e especialmente para a história da colonização do Brasil e Brasil imperial. Com esse estudo foi

verificado uma significativa diversidade biológica relacionada a uma riqueza de informações geográficas, históricas e etnobiológicas.

Espera-se que futuramente este espaço seja utilizado não apenas para pesquisas, como também seja usufruído como ambiente de ensino histórico biogeográfico pelos estudantes da instituição, como também aberto à visitação de escolas do ensino fundamental e médio, além da finalidade de conseguir sensibilizar os alunos e servidores sobre a importância de se conservar espaços verdes e áreas de preservação, não apenas pela sua beleza paisagística e importância medicinal, mas também como uma forma de amenizar os problemas ambientais causados pela nossa sociedade.

Palavras-chave: Plantas medicinais, plantas frutíferas, alóctone, autóctones.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. Capítulos da história colonial [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2009. 195 p. ISBN 978-85-7982-071-7. Available from SciELO Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/kp484/pdf/abreu-9788579820717.pdf>>. Acesso em: 25/01/2019.

DEAN, W. A botânica e a política imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 216-228, dez. 1991. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2318>>. Acesso em: 06/05/2019.

_____. A botânica e a política imperial: introdução e adaptação de plantas no Brasil Colonial e Imperial. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, IEA/USP, São Paulo, jun. 1989, 21p. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/deanbotanicaimperial.pdf>>. Acesso em: 06/05/2019.

FAUSTO, B. História do Brasil. Edusp, 12^a ed., São Paulo, 2006, 639p.

PEREIRA, R. O. O Império Botânico: as políticas portuguesas para a flora da Bahia Atlântica Colonial (1768-1808). 2013. Tese (Doutorado em História) -Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

RAMOS, F. P. Por mares nunca dantes navegados: a aventura dos Descobrimentos. São Paulo: Contexto, 2008. ISBN 978-85-7244-412-5